



## THE POLITICAL ECONOMY OF PUBLIC SPACE. THE POLITICS OF PUBLIC SPACE

HARVEY, DAVID. IN: LOW, SETHA; SMITH,  
NEIL (ORGS.). NOVA YORK: TAYLOR & FRANCIS  
GROUP, 2006.

ISBN: 041-595-139-9

---

Sergio Abrahão

pós-  
281

### THE POLITICAL ECONOMY OF PUBLIC SPACE

Desde as últimas décadas do século 20, os embates presentes nos espaços públicos das cidades capitalistas têm promovido o surgimento de estudos e análises críticas que, em muitos casos, atribuem à materialidade desses espaços uma realização sociopolítica forjada da associação ideal entre esfera pública e a ágora ateniense.

Com efeito, o artigo de David Harvey, “The political economy of public space”, objeto da presente resenha, integra um dos capítulos do livro *The politics of public space*, organizado em 2006 por Setha Low e Neil Smith, a partir de uma conferência de mesmo nome na City University of New York – CUNY, articulada com o objetivo de debater a conexão entre espaço público e a economia política e cultural que interfere nesse espaço.

O interesse em resenhar o artigo em questão deve-se à clareza e profundidade das reflexões de seu autor, no sentido de apontar para alguns pontos relevantes de ligação entre a materialidade do espaço público urbano e a política da esfera pública, tomando como estudo de caso a reorganização radical do espaço público de Paris, posto em marcha por Georges-Eugène Haussmann, no desenrolar do Segundo Império.

A análise crítica de Harvey se desenvolve procurando desembaraçar a intrigante mistura de expectativas, condições materiais e percepções sociogeográficas (pontos de vista divergentes de moradores das diferentes áreas de uma mesma cidade, sobre cada uma dessas áreas). A seu ver, operar essa separação é condição necessária para que pensemos mais conclusivamente sobre como o desenho urbano, em geral, e o desenho do espaço público, em particular, podem influenciar políticas da esfera pública.

Na ótica de Harvey, o Plano de Haussmann para Paris foi dedicado ao emburguesamento da cidade, ao afastar as atividades industriais indesejadas da área central, ao estabelecer, rigorosamente, os critérios de design e formas

estéticas para as construções públicas e privadas nos bulevares e em seus entornos, e ao forçar as atividades privadas a suportarem os objetivos políticos de projetar-se uma quantidade de espaços públicos que refletissem o esplendor imperial, a segurança militar e a abundância burguesa.

Nesse sentido, aponta para a resignificação dos novos espaços públicos de Paris (ao passarem a depender dos interesses privados que abrigavam); para a perda de senso de obrigação e influência moral da burguesia sobre as classes mais pobres (promovidas pela concretização de bairros com unidades economicamente homogêneas); para a despolitização da sociedade (ao procurar responder às preferências do capital por cidades sem forma, não-acessíveis à imaginação, às leituras e interpretações e às reivindicações em seus espaços); e, finalmente, para a espetacularização da cidade de Paris em contraponto a uma idéia de cidade enquanto local potencial para construção de sonhos utópicos de uma ordem social em construção.

Com relação, especificamente, à espetacularização da cidade de Paris, diz ter ocorrido pela reorganização do espaço público para os propósitos mundanos de facilitar a livre circulação de dinheiro, mercadorias e pessoas (com destaque para as mulheres); da *atitude blasé*, presente nos contos dos *flaneurs* e *dândis*, tendo os bulevares como pano de fundo; do advento das lojas de departamentos (tornando porosos os limites do espaço público e do privado) e da proliferação de cafés suntuosos, cabarés e sala de espetáculos.

De fato, constata que a divisão entre público e privado foi dominada pelo fetiche das mercadorias, tornando a relação simbiótica entre o espaço comercial e público, crucial. Para ele, o controle social orquestrado pelo consumo e o espetáculo depara com os signos claros de exclusão e exploração dos pobres.

Em seu texto, Harvey chama, ainda, a atenção, para o fato de o Plano Haussmann, ao negligenciar a zona leste de Paris, possibilitar o estabelecimento, naquela área da cidade, de uma relação simbiótica absolutamente diferente entre os espaços públicos, privados e comerciais: as ruas se tornaram centros de sociabilidade e política, permitindo que se aflorassem forças populares que mais e mais afirmavam suas presenças públicas e coletivas nos bulevares da burguesia parisiense.

Ressalta que esse fato possibilitou, já no final do Segundo Império, que os espaços públicos de Paris fossem transformados em sítios de lutas geopolíticas entre facções rivais, de modo a simbolizar intensamente o choque ideológico na esfera pública da política. Para Harvey, os olhos do pobre não poderiam ser afastados, nem poderiam ser expulsos. Observa que o espetáculo da mercadoria pode mascarar, mas nunca apagar, a crua verdade das relações de classe.

Em suas conclusões finais adverte que a construção do significado e a organização dos espaços públicos somente têm efeito quando sucedido por influente transformação sobre espaços privados e institucionais, ou seja, a questão está na simbiose entre os três.

Profeticamente, Harvey afirma que nenhum investimento do *new urbanism*, entendido como desenho urbano, pode promover um grande senso de responsabilidade cívica e participação, se a intensidade dos planos, das propriedades privadas e a organização da mercadoria como espetáculo (no qual a disneyficação é o melhor exemplo) permanecer intocável. Gestos vazios desse tipo, com respeito à organização do espaço público, abundam.

---

**Sergio Abrahão**

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especializado em Planificación y Gestión Urbana pelo Instituto Nacional de Administración Pública de Madri, mestre e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, é autor do livro: *Espaço público – Do urbano ao político* (Editora Annablume, 2008) e efetivo do Departamento de Patrimônio Histórico – DPH/SMC, da prefeitura de São Paulo.  
Rua Dr. José de Queiros Aranha, 337/ #522. Vila Mariana  
04106-062 – São Paulo, SP  
sabrahao@bighost.com.br; sabrahao@prefeitura.sp.gov.br